

O OLHAR DOS INTERNAUTAS SOBRE O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: VARIAÇÃO LINGUÍSTICA OU “ERRO”?

Agnaldo Almeida de Jesus (Mestrando em Letras, Universidade Federal de Sergipe)

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo averiguar a construção de imagens do ensino de Língua Portuguesa na mídia, especificamente pelos internautas. Para tanto, nosso *corpus* é constituído por comentários dos leitores da matéria *Nota zero*, disponibilizada no site da Revista *Veja*, os quais são referentes ao livro *Por uma vida melhor*, que gerou diversas discussões ao trazer em suas páginas exemplos da linguagem coloquial. Sendo assim, temos como referencial teórico os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente as noções de *ethos* discursivo, como base em Maingueneau, e relações de poder, conforme as ideias de Foucault. Dessa forma, podemos constatar que a mídia reproduz o ensino de língua materna pautado no tradicionalismo, direcionando a interpretação dos internautas. Portanto, tais usuários enfatizam que as regras expostas na Gramática Normativa são primordiais para o ensino de língua, rejeitando todas e quaisquer variantes linguísticas, as quais são taxadas como “erros”.

Palavras-chave: Ensino de Língua Portuguesa; mídia; análise do discurso.

INTRODUÇÃO

Em nossa sociedade, é evidente que a mídia assume um papel importante na constituição de sentidos, pois ela, como meio de transmissão de informações e valores, os quais são absorvidos pela população em geral, determina a visão que temos sobre os vários aspectos da nossa vida, sejam eles de cunho político, econômico ou social. Em relação ao ensino de língua materna, não é diferente, a mídia, ao expor um ponto de vista específico, determina e estreita as possibilidades de interpretação por parte dos seus interlocutores (telespectadores/leitores/internautas). Assim, o sujeito do discurso não pode ser avaliado como aquele que decide sobre os sentidos e as possibilidades enunciativas de seu discurso, e sim como um sujeito que ocupa um lugar social a partir do qual enuncia.

* X EVIDOSOL e VII CILTEC-Online - junho/2013 - <http://evidosol.textolivre.org>

Nessa perspectiva, o trabalho ora proposto tem como objetivo analisar a construção de imagens da Língua Portuguesa na mídia, focalizando o meio virtual (internet). Assim, nosso *corpus* é constituído por comentários dos leitores da matéria *Nota zero*, disponibilizada no site da Revista *Veja*, os quais são referentes ao livro *Por uma vida melhor*, que gerou diversas discussões ao trazer em suas páginas exemplos da linguagem coloquial, como: “Os menino pega o peixe”.

Com base em estudos de Possenti (2009, 2009b) e Baronas (2003, 2002), pretendemos corroborar a hipótese de que a mídia faz análises puramente normativas que visam o uso “correto” da Língua Portuguesa. Sendo assim, Possenti (2009b, p. 9) ressalta que na mídia as discussões sobre língua são “[...] pequenas análises, sem pretensão de exaustividade e mesmo de grande precisão.”, acrescentando ainda que “as colunas sobre língua que circulam em nosso meio nunca ultrapassam a repetição das mesmas receitas simplificadas e resumidas”. Dessa forma, a seguir construímos nosso arcabouço teórico, que é de fundamental importância para efetuarmos as análises.

MÍDIA, DISCURSO E PODER

Partindo do pressuposto que a mídia é uma instância de poder que modela os espectadores a seus interesses e objetivos, sabemos que para uma maior credibilidade, ela possui uma pretensão de verdade. Remetendo-nos aos estudos de Foucault (2009), verificamos que este filósofo nos alerta que em todas as sociedades existem procedimentos internos e externos que controlam e delimitam os nossos discursos. Dentre os procedimentos externos, temos a *interdição* (palavra proibida), já que sabemos que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância” (2009, p. 9). Além desse procedimento, há a *oposição entre o verdadeiro versus o falso*, já que possuímos uma *vontade de verdade*, uma vez que o discurso está diretamente relacionado à “reverberação de uma verdade” (FOUCAULT, 2003, p. 49), a qual é socialmente instituída.

Em relação às discussões sobre Língua Portuguesa na mídia, geralmente são convidados gramáticos, os quais disseminam o modo de como falar e escrever português “corretamente”, raramente temos a participação e colaboração de linguistas. Segundo Possenti (2009), essa postura não é somente de um só gramático, e sim de uma escola, de

um estilo, de um discurso. Logo, denotamos que na mídia temos análises “estilo cursinho”, ou seja, “apresentação de soluções repetitivas, breves e parciais e, frequentemente, inexatas, sobre dados também quase parciais, frequentes nos materiais de cursinho [...]” (POSSENTI, 2009, p. 81) Dessa forma, só temos um único ponto de vista e a perpetuação de uma “verdade” em relação ao ensino-aprendizado de língua. Ou seja, há a construção de um *ethos* discursivo pautado no tradicionalismo.

O estudo do *ethos*, originado na Antiguidade Clássica, foi abordado inicialmente por Aristóteles em sua obra *A retórica*. Para este filósofo, além de sabermos nos expressar perante o público, temos que mostrar confiabilidade e honestidade (através de tom de voz, gestos, postura, olhar, escolha lexical etc.), pois nosso discurso só será aderido enquanto tal e será instaurador de sentidos se obtivermos a confiança do auditório.

Maingueneau, por sua vez, retoma esta noção na Análise do Discurso de linha francesa a partir dos anos de 1980. Ao trazer o conceito de *ethos* para a AD, este teórico leva em consideração a construção do *ethos* em textos escritos, utilizando, dessa forma, o termo *tom*, pois verifica que há uma fonte enunciativa tanto em discursos orais como em discursos escritos. Amossy (2008, p. 9) afirma que todo ato de tomar a palavra e utilizá-la em um ato conversacional implica na construção de uma imagem de si, a qual revela nossas intenções e preceitos acerca do que estamos nos referindo no discurso.

Nesse contexto, o *ethos* não se constitui em um discurso que é dito claramente, mas no que é mostrado, como bem observa Maingueneau (2008, p.59), “[...] o *ethos* se mostra no ato de enunciação, ele não é dito no enunciado. Ele permanece, por natureza, no segundo plano da enunciação: ele deve ser percebido, não deve ser objeto do discurso.” Com efeito, um sujeito, diante de um auditório, pode enumerar diversas qualidades, porém, deve transparecer portador de tais virtudes para que seu discurso seja considerado legítimo.

A partir de tais considerações de ordem teórica, abordamos a seguir os procedimentos metodológicos e a análise do *corpus*.

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA MÍDIA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DO *CORPUS*

Em meados do ano de 2011, a publicação do livro didático *Por uma vida melhor*, parte da “Coleção Viver e Aprender”, destinado à Educação de Jovens e Adultos – EJA e de autoria de Heloísa Cerri Ramos et al, gerou diversas discussões. Em seu primeiro capítulo, nomeado *Escrever é diferente de falar*, os autores mostram que existem diferenças entre a língua falada e a escrita, pois enquanto esta exige um rigor mais formal e convenções, aquela se dá em situações espontâneas: momentos interacionais que possibilitam o uso da linguagem de forma mais livre e menos planejado. Porém, o livro tornou-se alvo de diversas críticas por abordar a linguagem coloquial (de forma explícita) nas páginas de um manual didático. A polêmica instaurada girou em torno dos seguintes exemplos: “Os livro ilustrado mais interessante estão emprestado”; “Nós pega o peixe”; “Os menino pega o peixe”.

A mídia, por sua vez, utilizou o capítulo de tal livro para propagar que os autores defendiam o ensino da variante popular, em detrimento da norma padrão. Dessa forma, a fim de averiguar a construção do *ethos* discursivo do ensino da Língua Portuguesa na mídia, procedemos inicialmente com a delimitação do *corpus* e, em seguida, analisamos os comentários dos internautas referentes à matéria a seguir:

Nota zero

“O ensino que a gente defende e quer da língua é um ensino bastante plural, com diferentes gêneros textuais, com diferentes práticas, diferentes situações de comunicação para que essa desenvoltura linguística aconteça”.

Heloísa Ramos, autora do livro “Por uma Vida Melhor”, integrante da seita que acha que o certo é escrever e falar errado, capturada pelo Guilherme Macalossi na entrevista ao Jornal Nacional e remetida ao Sanatório com o seguinte recado: “*Ela está justificando em dilmês castiço o ensino de lulês arcaico nas escolas públicas*”.¹

A partir de tal matéria, foram postados trinta comentários pelos internautas. Inicialmente, vale verificar a postura e o conteúdo da matéria sobre o seu referencial, ou seja, o livro *Por uma vida melhor*. O título da matéria, *Nota zero*, já demarca uma negatividade em relação ao ensino de Língua Portuguesa que leve em consideração as variantes linguísticas. *Nota zero* é a menor nota possível numa avaliação ou exame. Logo, há uma construção de imagens negativa tanto sobre o conteúdo do livro, como de seus autores.

¹ Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/sanatorio-geral/nota-zero/>>.

Remetendo-nos à *interdição*, princípio de controle do discurso, que diz respeito de onde e quem está autorizado a reproduzir um discurso, o autor de tal matéria se coloca no lugar institucional de professor (legitimado socialmente para avaliar) com o objetivo de criticar os professores/autores do livro. Estes, por seu turno, são considerados péssimos alunos. É importante verificar também que o autor enquadra-os em uma *seita*: grupo doutrinário ou ideológico, muitas vezes desprestigiado socialmente, relacionado a atos negativos ou que vão de encontro aos padrões do sistema dominante. Neste caso, ao ensino tradicional e pautado na Gramática Normativa.

Assim, podemos constatar que alguns internautas, em seus comentários, criticaram o livro e, conseqüentemente, seus autores postando palavras que destoam da norma padrão, como:

Exemplo 1: *mortandela, adevogado, framengo.*

Nessa perspectiva, a construção de imagens negativas edificadas pelo jornalista é aceita e apoiada por tais sujeitos. O ensino que os autores do livro didático propõem é visualizado como algo que aceita tudo e em qualquer circunstância. Isto é, não há uma análise efetiva do conteúdo do livro e sim a imposição de um ponto de vista hermético. Consecutivamente, há um estreitamento de interpretação, já que os internautas não possuem acesso ao conteúdo do livro didático, e sim a opinião do jornalista e/ou da revista, a qual é corroborada negativamente, como podemos visualizar no exemplo que se segue:

Exemplo 2: *Quem vem a ser esta “famosa” Heloísa Ramos que defende o ensino da ignorância nas escolas públicas? A ignorância é inata no indivíduo, senhora. Não precisa ser ensinada nas escolas. E o pior é que o MEC adota uma atitude irresponsável, incompetente, ignorante, inseqüente e inoperante aprovando a coisa monstruosa que ela escreveu.*

Heloísa Ramos, vá ler o blog da Dad para ver se assimila alguma coisa.

O pior de tudo é que a conta dessa “analfabetização” é paga por nós, contribuintes.

Por ter uma *vontade de verdade*, a mídia impõe tal ponto de vista como uma verdade absoluta. Ela não problematiza se é útil ou não o ensino que leva em consideração a variação linguística, simplesmente ela instaura um posicionamento, apoiado na ideologia

dominante, como uma verdade. Podemos constatar ainda alguns comentários fazem referência ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que ao emergir na cena política brasileira era analfabeto.

Exemplo 3: *“Preconceito linguístico” esta é a nova idéia cretina da esquerda no país. Estão querendo fazer os alunos a aprender falar como o Lula.*

Devo jogar meu dicionário no lixo?

Exemplo 4: *Senhores,esses petistas a cada dia conseguem ficar pior,os cérebros estão encolhendo numa velocidade espantosa,o linguajar se modifica a cada minuto,será uma nova raça nascendo em nossa Terra.???*

Vale ressaltar aqui a importância do interdiscurso, já que a discussão do livro foi remetida a outros textos e discurso, gerando uma relação de sentidos. Nesse caso, a relação estabelecida entre o livro e o ex-presidente é negativa, pois o ideal imposto pela ideologia dominante é que se fale e escreva e forma “correta”. Além de criticar o livro, a matéria inferioriza os políticos de esquerda, representado principalmente por Luiz Inácio Lula da Silva, e seus eleitores.

Ao atribuir a criação da noção de “preconceito linguístico” ao movimento de esquerda, há a construção de um *ethos de* que não há estudos científicos sobre o assunto. Corroboramos, assim, os estudos de Possenti (2009, 2009b) e Baronas (2002, 2003) que enfatizam que o ensino de Língua Portuguesa na mídia é puramente normativo, visando o uso “correto” da língua e a perpetuação de um ideal de pureza linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir de tais discussões, podemos concluir que a imagem construída do ensino de Língua Portuguesa no Brasil é pautada na normatividade. É visível o estreitamento das possibilidades de interpretação pelos internautas, pois a matéria é instaurada como uma verdade: há um ponto de vista fechado e negativo sobre a variação linguística. Os internautas, por sua vez, não questionam e não possuem acesso direto ao conteúdo do livro, aceitando e corroborando o que está circunscrito à matéria da revista. Podemos destacar ainda as relações de sentidos que são estabelecidas com outros discursos, principalmente

com discursos ligados à política, já que a aprovação e distribuição de tal livro questiona a capacidade dos governantes, no caso, o partido de esquerda do Brasil.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Da noção de retórica de *ethos* à análise do discurso. In: _____. **Imagens de si no discurso: a construção do *ethos***. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

BARONAS, Roberto. A língua na malha do poder. In: GREGOLIN, Maria do Rosário (org.). **Discurso e mídia: a cultura do espetáculo**. São Carlos: Claraluz, 2003.

BARONAS, Roberto. Panoptismo linguístico e mídia. **Estudos Linguísticos**. São Paulo, v. 01, p. 10-25, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

POSSENTI, Sírio. **Língua na mídia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

POSSENTI, Sírio. **Malcomportadas línguas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009b.